

QUINTA CATEQUESE

A CULTURA DA VIDA

“E JESUS CRESCIA EM SABEDORIA, TAMANHO E GRAÇA DIANTE DE DEUS E DOS HOMENS” (LC 2,52)

Senhor Jesus

que fielmente visite e preencha com sua Presença a Igreja e a história dos homens;
que no maravilhoso sacramento do teu Corpo e do teu Sangue
nos torne participantes da Vida divina e nos faça degustar a alegria da Vida eterna;

Nós te adoramos e te bendizemos.

Prostrados diante de Ti, fonte e amante da vida
realmente presente e vivo em meio a nós, te suplicamos.

Que tenhamos respeito por cada vida humana nascente,
nos torne capazes de ver no fruto do útero materno
a admirável obra do Criador,

disponha os nossos corações para a generosa acolhida de
cada criança que enfrenta a vida.

Abençoe as famílias, santifique a união dos esposos, torne fecundo o seu amor.
Acompanhe com a luz do seu Espírito as escolhas das assembleias legislativas,
para que os povos e as nações reconheçam e respeitem
a sacralidade da vida, de toda vida humana.

Guia do trabalho dos cientistas e médicos,
para que o progresso contribua para o bem integral da pessoa
e ninguém sofra supressão e injustiça.

Dá uma caridade criativa aos administradores e aos economistas,
para que saibam intuir e promover condições suficientes
para que as jovens famílias possam serenamente abrir-se
ao nascimento de novas crianças.

Console os casais casados que sofrem por causa da impossibilidade de ter filhos,
e na sua bondade proveja.

Eduque a todos para cuidar de crianças órfãs ou abandonadas,
para que possam experimentar o calor da tua Caridade,
o consolo do seu Coração divino.

Com Maria sua Mãe,

a grande fiel, em cujo ventre assumiu a nossa natureza humana,
nós esperamos de Ti, nosso único e verdadeiro Bem e Salvador,
a força para amar e servir a vida,

na expectativa de viver sempre em Ti, na Comunhão da Santíssima Trindade. Amém

(Bento XVI, Basílica Vaticana, 27 de novembro de 2010)

É muito interessante notar a conclusão inesperada deste episódio evangélico. De como a dinâmica familiar desta cena evolui, e especialmente de como Jesus responde às palavras angustiantes de seus pais por causa do medo de O perder, uma espécie de ruptura entre os membros da Sagrada Família

parece quase ter ocorrido. Parece que chegou o momento em que o Filho, que se tornou de maior, começa a colocar limites e limites à autoridade parental para afirmar sua autonomia e sua própria responsabilidade por si mesmo. É uma cena muito comum na casa de cada família. É a chegada repentina e irreprimível daquela famosa hora a que nenhum dos pais nunca está preparado adequadamente. É o momento em que um filho de repente parece grande e começa a manifestar sua capacidade de fazer escolhas para a própria vida. É muito surpreendente ver como a Família de Nazaré também vive as mesmas dinâmicas de cada família. Na realidade, então, continuando a leitura do texto, notamos como não acontece de fato nenhuma ruptura familiar. Antes, começa o efeito contrário. Lucas, de fato, escreve que Jesus «*então ele desceu com eles e foi a Nazaré e era submisso a eles*» (Lc 2,51). Parece ser a reação clássica daqueles que, na ausência de suas reivindicações, por medo de algum castigo fazem no final, o que dizem os pais. Na realidade, Jesus se defende bem e, com Seu discurso, consegue emudecer os pais. Permanecer sob a autoridade dos Seus não é uma escolha obrigada e forçada, mas manifesta uma decisão livre e responsável para afirmar mais uma vez a Sua predileção originária pela Família. O Verbo de Deus vem ao mundo na pobreza absoluta e na miséria, renunciando praticamente a tudo, exceto uma única coisa: encarnar-se dentro de uma família com uma mãe e um pai. Após este incidente, de fato, Jesus continua a ser submisso aos Seus porque «*é, juntos que eles ensinam o valor da reciprocidade, do encontro entre seres diferentes, onde cada um contribui com a sua própria identidade e sabe também receber do outro. Se, por alguma razão inevitável, falta um dos dois, é importante procurar alguma maneira de o compensar, para favorecer o adequado amadurecimento do filho*» (Al 172). Lucas conclui a história desta maneira: «*Jesus crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens*» (Lc 2,52). Em pouquíssimas palavras, o Evangelho consegue afirmar o quanto de melhor e mais fundamental que se possa garantir para o crescimento de um filho em sua total integridade. É bom ressaltar que o primeiro crescimento destacado é a “*sabedoria*”. Não deve ser entendido como o enriquecimento progressivo de uma riqueza de conhecimentos ou habilidades. Em seu sentido etimológico latino do verbo “*saber*” a verdadeira sabedoria significa saborear o significado profundo da própria vida. A sabedoria é posta antes da “*idade*”. Por quê? Em geral, pensamos que primeiro se passam os anos e depois gradualmente, ao longo do tempo, aprende-se a descobrir o gosto e o sentido da vida. O Evangelho, por outro lado, afirma uma verdade que se opõe a esse pensamento comum, isto é, primeiro vem o verdadeiro sabor da vida e depois segue o passar dos anos. Tudo isso significa que cada santo dia da própria existência, começando com o primeiro, deve sempre ser experimentado enquanto desfruta de sua beleza e profundidade. Somente com este estilo de vida é possível também a fecundidade da obra da graça divina. Muitas vezes, estamos habituados a pedir a Deus a Sua intervenção em nossa realidade humana, mas esquecendo um famoso dito da

filosofia escolar: “*gratia supponit naturam*”. Certamente, a graça de Deus sempre supõe qualquer obra humana, mas a sua eficácia é possível se o homem se tornar dócil a Sua ação. Finalmente, o Evangelho sublinha como o crescimento de Jesus não é um fato privado que interessa somente a Sua Família, mas se realiza “*diante dos homens*”, isto é, sob o olhar de todos aqueles que fazem parte da coletividade do país em que Ele vive. Aqui, novamente, a mensagem evangélica surpreende a maneira de pensar, muitas vezes restritiva e individualista, sobre as coisas que dizem respeito ao ambiente familiar. Em outras palavras, o crescimento gradual de um pequeno ser humano não é algo que interessa apenas aos seus pais. A sua evolução e a sua maturidade tocam a todos, porque cada pessoa é sempre um capital humano para o bem de todos, e todos foram perguntados por que é dado a cada ser humano em crescimento tudo o que lhe permite para alcançar o seu máximo desenvolvimento. Estamos diante de um verdadeiro hino da cultura da vida, da qual a família é o útero originário. O papa Francisco continua a especificar que «*A família é o âmbito não só da geração, mas também do acolhimento da vida que chega como um presente de Deus. Cada nova vida “permite-nos descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de nos surpreender. É a beleza de ser amado primeiro: os filhos são amados antes de chegar”*». Isto mostra-nos o primado do amor de Deus que sempre toma a iniciativa, porque os filhos “são amados antes de ter feito algo para o merecer”» (Al 166). Também «*a mãe, que o traz no ventre, precisa de pedir luz a Deus para poder conhecer em profundidade o seu próprio filho e saber esperá-lo como ele é*» (Al 170). Hoje, mais do que nunca, estamos testemunhando a difusão de uma mentalidade que manipula em tudo e a todos o ato generativo da criatura humana, de modo a separá-la totalmente de seu vínculo originário com a família. Na mentalidade atual, a menor diferença entre gerar um ser humano através do ato conjugal natural e gerá-lo através de inseminação artificial ou outras práticas em constante evolução, não é mais percebida. Este pensamento comum de que todos nós compartilhamos está se espalhando cada vez mais por apenas uma das razões: o homem perdeu a percepção de que o filho é um grande dom que vem do Alto. A este respeito, paradigmática é a afirmação de que a Sagrada Escritura nos transmite com o nascimento do primeiro homem: «*Adão conheceu Eva, sua esposa, que concebeu e gerou Caim, e disse: “Eu tive um homem com a ajuda do Senhor”*» (Gn 4,1). A causa da situação de hoje, portanto, não é simplesmente cultural ou moral, social ou econômica ou antropológica. A base desse novo cenário mundial está principalmente a perda do sentido de Deus e, conseqüentemente, o próprio homem se sente o Senhor também na concepção da nova vida humana. Em vez disso, apenas em uma perspectiva de fé muda totalmente a perspectiva da vida. Mesmo quando «*uma criança chega ao mundo em circunstâncias não desejadas, os pais ou os outros membros da família devem fazer todo o possível para aceitá-la como dom de Deus e assumir a responsabilidade de a*

acolher com magnanimidade e carinho. Com efeito, «quando se trata de crianças que vêm ao mundo, nenhum sacrifício dos adultos será julgado demasiado oneroso ou grande, contanto que se evite que uma criança chegue a pensar que é um erro, que não vale nada e que está abandonada aos infortúnios da vida e à prepotência dos homens. O dom dum novo filho, que o Senhor confia ao pai e à mãe, tem início com o seu acolhimento, continua com a sua guarda ao longo da vida terrena e tem como destino final a alegria da vida eterna. Um olhar sereno voltado para a realização final da pessoa tornará os pais ainda mais conscientes do precioso dom que lhes foi confiado» (Al 166). A tal propósito «Com particular gratidão, a Igreja “apoia as famílias que acolhem, educam e rodeiam de carinho os filhos deficientes”» (Al 82): Quem, mais do que qualquer outro, mostra o valor sagrado e absoluto da vida humana para o mundo inteiro. Na verdade, «e inalienável o direito à vida do bebé inocente que cresce no ventre de sua mãe, que de modo nenhum se pode afirmar como um direito sobre o próprio corpo a possibilidade de tomar decisões sobre esta vida que é fim em si mesma e nunca poderá ser objecto de domínio doutro ser humano. A família protege a vida em todas as fases da mesma, incluindo o seu ocaso» (Al 83). Certamente, a geração é um ato divino, e o papa Francisco destaca como «Cada mulher participa do “mistério da criação, que se renova na geração humana”» (Al 168). Ao mesmo tempo, porém, o ato de acolher uma nova vida não é menos sagrado. Afinal, Maria e José testemunham como a sua grandeza reside em ter acolhido cada um em sua singularidade, o Verbo de Deus, permitindo-Lhes de se encarnar no mundo. Portanto, se é verdade que nem todos geram, biologicamente falando, não menos verdade é que todos são chamados a acolher a vida sempre, em qualquer lugar e de qualquer maneira. «A maternidade não é uma realidade exclusivamente biológica, mas expressa-se de diversas maneiras» (Al 178), e sobretudo «Aqueles que assumem o desafio de adotar e acolhem uma pessoa de maneira incondicional e gratuita, tornam-se mediação do amor de Deus que diz: “Ainda que a tua mãe chegasse a esquecer-te, Eu nunca te esqueceria” (cf. Is 49, 15)» (Al 179). É precisamente este amor acolhedor da família que dá vida àqueles que, infelizmente, com frequência é negado. «Um casal de esposos, que experimenta a força do amor, sabe que este amor é chamado a sarar as feridas dos abandonados, estabelecer a cultura do encontro, lutar pela justiça. Deus confiou à família o projeto de tornar “doméstico” o mundo, de modo que todos cheguem a sentir cada ser humano como um irmão» (Al 183). Quem mais do que a família tem o poder de alargar concretamente os horizontes da cultura da vida no mundo, colorindo também «o cinzento do espaço público, colorindo-o de fraternidade, sensibilidade social, defesa das pessoas frágeis, fé luminosa, esperança ativa» (Al 184). Em vez disso, hoje «o narcisismo torna as pessoas incapazes de olhar para além de si mesmas, dos seus desejos e necessidades. Mas quem usa os outros, mais cedo ou mais tarde acaba por ser usado, manipulado e abandonado com a mesma lógica. Faz impressão

ver que as rupturas ocorrem, frequentemente, entre adultos já de meia-idade que buscam uma espécie de «autonomia» e rejeitam o ideal de envelhecer juntos cuidando-se e apoiando-se» (Al 39). Em contraste, a família é a única que em seu DNA tem inerente em si, o um incessante dinamismo de comunhão que deveria conduzi-lo para «acolher, com tanto amor, as mães solteiras, as crianças sem pais, as mulheres abandonadas que devem continuar a educação dos seus filhos, as pessoas deficientes que requerem muito carinho e proximidade, os jovens que lutam contra uma dependência, as pessoas solteiras, separadas ou viúvas que sofrem a solidão, os idosos e os doentes que não recebem o apoio dos seus filhos, até incluir no seio dela “mesmo os mais desastrosos nos comportamentos da sua vida”» (Al 197). A família é o lugar por excelência da cultura da vida porque é o lugar por excelência da presença de Deus. Somente quando em cada casa reconhecer este binômio originário entre Deus e a vida, o mundo será mais humano e todo homem estará sempre protegido em sua singular dignidade.

Em Família

Para Refletir

1. Toda vida humana é um dom sagrado e inviolável de Deus. Hoje, porém, é sempre mais difundida, a mentalidade para satisfazer o desejo de ter um filho a qualquer custo, de tal forma que ele possa recorrer facilmente a todas as técnicas em constante evolução que permitem a concepção, independentemente do ato conjugal natural. Toda criatura humana, qualquer que seja seu modo de concepção, é sempre um dom de Deus. Desta forma, então, que relação existe entre o dom do Deus da vida e o ato conjugal natural?
2. Em que sentido, apenas quando a família se reconhece como o lugar por excelência da presença de Deus, pode se tornar promotora da cultura da vida?

Prática

1. Cada família tem inerente em si o dinamismo da acolhida a vida em qualquer condição que possa estar, mas essa índole nem sempre é trazida à luz. Qual é o impedimento e o que poderia ser de ajuda para a sua promoção?
2. Quando os dois cônjuges são capazes de acolher um ao outro no todo, eles abrem o coração para todos. O que isso significa? Explique-se concretamente, talvez, falando de uma experiência concreta.

Na Igreja

Para Refletir

1. Muitas vezes pensa-se que a promoção da vida é algo que diz respeito à Igreja com seu aparato doutrinário e não um direito inviolável, independentemente de qualquer adesão religiosa ou moral. O que a Igreja poderia fazer ou deveria fazer para afirmar o sagrado e inviolável direito da vida, independentemente de tudo e de todos?

2. O vínculo original e inseparável entre amor e vida hoje está se tornando mais fraco até que seja questionado. Quais os erros? Quais são as dificuldades? Quais são as propostas?

Prática

1. Não podemos promover a cultura da vida sem a família e sua natureza originária do acolhimento. O que poderia ser feito na pastoral para iniciar este círculo virtuoso?
2. Quais as propostas para que a Igreja ajude as famílias a viver a verdadeira cultura da vida?